

QUAL O SEU LUGAR NA CIDADE: A CONSTRUÇÃO POÉTICA DE UM MAPA COLETIVO DE GOIÁS

WHAT IS YOUR PLACE IN THE CITY: THE POETIC CONSTRUCTION OF A COLLECTIVE MAP OF GOIÁS

Emilliano Alves de Freitas Nogueira / UFG

RESUMO

O presente artigo trará uma reflexão sobre a prática urbana *Qual o seu lugar em Goyaz?*, realizada pelo Coletivo de Ações Poéticas Urbanas - CAPU, em setembro de 2019, na cidade de Goiás, localizada no estado homônimo. Essa ação consistiu na construção coletiva de um mapa da cidade onde anteriormente existia um mapa que apontava os principais pontos turísticos. Ao entender que cartografias são provisórias e as representações das cidades seguem interesses específicos de quem as realiza, buscou-se criar narrativas que valorizassem as experiências pessoais de quem contribuiu para a produção dessa cartografia. Dessa forma, procurou-se repensar as representações hegemônicas do espaço urbano de uma cidade com o título da UNESCO de patrimônio da humanidade, produzindo visualidades que contraporiam com o senso comum, possibilitando diferentes interpretações e representações do espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE

cartografia; intervenção urbana; práticas coletivas; poéticas visuais.

ABSTRACT

*This article will bring a reflection on urban practice *What is your place in Goyaz* held by Urban Poetic Action Collective, in the city of Goiás in September 2019. This action consisted of the collective construction of a city map where previously there was a map that pointed out the main tourist attractions. When understanding that cartographies are provisional and the representations of cities follow specific interests of those who make them, we sought to create narratives that value the personal experiences of those who contributed to the production of this cartography. Thus, an attempt was made to rethink the hegemonic representations of the urban space of a city with the UNESCO title of World Heritage, producing visualities that would*

contradict common sense, thus allowing different interpretations and representations of urban space.

KEYWORDS

cartography; urban intervention; collective practices; visual poetics.

Introdução

Desde o início da humanidade, as civilizações buscaram “formas de representar a superfície terrestre e seus elementos segundo os interesses específicos dos diversos grupos sociais, estando sua produção condicionada ao tempo e ao local onde tais atividades se desenvolviam” (FREIRE; FERNANDES, 2010, p. 84).

Nas sociedades de povos sem escrita, os mapas foram utilizados como representações espaciais, em que povos representavam em cavernas lugares importantes para a sua sobrevivência, como, por exemplo, os destinados à caça e a rituais.

Um dos mapas mais antigos que se tem notícia foi descoberto nas escavações das minas da Ga-Sur, localizadas a 300 km ao norte da Babilônia. Representando o vale de um rio (provavelmente o rio Eufrates), tal mapa consiste em uma placa de barro cozido datada de 2500 a. C., na qual as montanhas são representadas por um símbolo semelhante a uma escama de peixe e o rio desemboca por um delta de três braços em um lago ou mar, com o Norte, o Leste e o Oeste sendo indicados por círculos com inscrições¹.

Ao entender que a produção de mapas é uma atividade que carrega em si valores subjetivos, sendo marcada por uma disputa entre o que é mostrado e o que é oculto, este artigo buscará refletir sobre essa atividade, utilizando, como objeto de estudo, a ação poética urbana *Qual o seu lugar em Goyaz?*, realizada pelo Coletivo de Ações Poéticas Urbanas - CAPU, em setembro de 2019, na cidade de Goiás, localizada no estado homônimo.

Essa ação faz parte do projeto de pesquisa de *Ações poéticas coletivas urbanas: práticas artísticas e pedagógicas nas cidades*, na qual busca-se investigar de que forma o público apreende, lê e transforma a cidade a partir de experimentações artísticas, bem como analisar os processos de aprendizagem tanto de quem cria as ações, quanto de quem que participa dessas experiências, levando em conta a inter-relação entre visualidades e arquitetura e urbanismo. Essas práticas são propostas pelo Coletivo de Ações Poéticas Urbanas - CAPU, formado por professores, estudantes e profissionais de arquitetura e urbanismo, ligados à Universidade Federal de Goiás – Regional Goiás, sendo realizadas de agosto a novembro de 2019.

Dessa maneira, *a priori*, será discutida a representação do espaço urbano da cidade de Goiás, a partir de dois mapas, sendo um o da planta de Goiás, então Vila Boa, capital da Capitania de Goyaz, levantada pelo soldado Manoel Ribeiro Guimarães em 1782, e o outro um turístico disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Goiás, feito em 2010. Isso permitirá compreender diferentes abordagens dessa representação na cidade, trazendo à tona questões como as narrativas ideológicas nessas produções e como a construção cartográfica coletiva pode contrapor-se a essas práticas institucionais.

As discussões acerca da produção de *Qual o seu lugar em Goyaz?* pretendem utilizar as metodologias visuais propostas Gillian Rose (2001), mas, ao invés de separar os papéis de produção e audiência, buscarão colocá-los em relação, entendendo que, na produção contemporânea, os limites entre obra, público e artistas estão cada vez mais borrados. Buscar-se-á, assim, interpretar o mapa construído coletivamente, o que Ribeiro (2007) apresenta como sendo a construção do espaço realizada pelo sujeito, pelo ator e pelos gestos dele em uma cartografia da ação.

A busca de compreender esses mapas que retratam o espaço urbano em Goiás é uma forma de fazer o que Fyfe e Law (1998, p. 1 apud ROSE, 2001, p. 11) chamam de abordagem crítica das relações sociais de poder que as imagens retratam, podendo, assim, “observar seus princípios de inclusão e exclusão, detectar os papéis que ele disponibiliza, entender o modo como eles são distribuídos e decodificar as hierarquias e diferenças que naturaliza”.

A representação do Espaço Urbano de Goiás

De acordo com Freire e Fernandes (2010), o processo da realização de mapas nunca foi uma atividade ideologicamente neutra, visto que, com a necessidade de representar racionalmente o espaço e o tempo desde o início da história da humanidade, esses mapeamentos precisavam sustentar o poder das classes dominantes.

Tendo como referências dois mapas da cidade de Goiás realizados pelo poder institucional - o da planta de Goiás, então Vila Boa, realizado em 1782, e o mapa turístico disponibilizado pela prefeitura Municipal de Goiás feito em 2010 -, levanta-se a questão de quais narrativas das classes dominantes essas representações sustentam. Para a interpretação dessas imagens, serão considerados os conteúdos presentes na própria imagem, a partir do que Rose (2001) chama de conteúdos gerados formalmente (tecnologias e composição) e a partir de suas práticas sociais.

O primeiro objeto em evidência (Figura 1) foi produzido no século XVIII sob encomenda do governador Cunha Menezes. De acordo com Delson (1997, p. 84, apud COELHO, 2001), os desejos de Cunha Mezenes estavam ligados a uma busca por ordenar o espaço urbano. Assim, ao comentar sobre uma carta escrita ao Ouvidor da Comarca de Vila Boa, o autor diz que a implementação de um plano diretor era uma tentativa de compartilhar, na colônia, práticas urbanísticas europeias, usando o alinhamento das ruas e a uniformização das fachadas como exemplos de uma conduta civil decente. Além do planejamento, esse mapa também tem uma função cadastral, que facilitaria a tributação através de registros de propriedade.

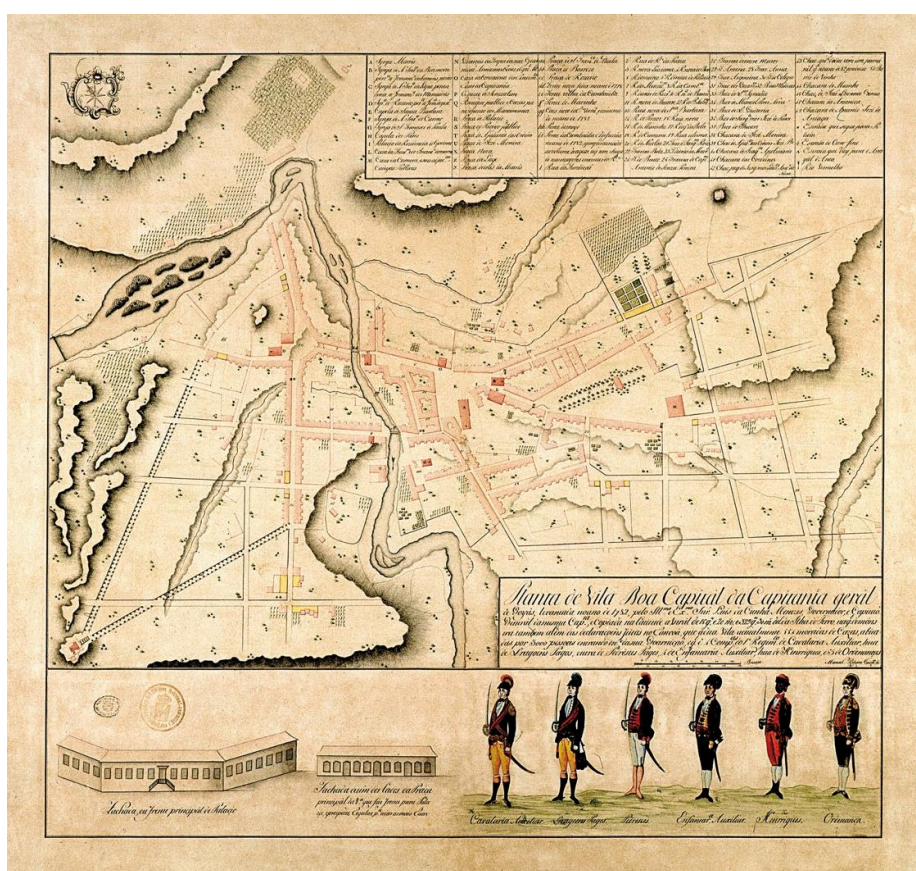


Figura 1. Planta de Vila Boa, capital da Capitania Geral de Goiás, 1782. Fonte: Disponível em: <http://www.arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/06__AHU.png> Acesso em 14 de novembro de 2019.

Há, no mapa, um texto, escrito no português da época que diz:

Planta de Vila Boa Capital da Capitania Geral de Goyás, levantada no ano de 1782, pelo Ill.mo e Ex.mo Snr. Luis da Cunha Menezes, Governador, e Capitão General da mesma Cap.ta, e copiada na latitude austal de 16 g.os. e 20 m., e 322 g.os, 30 m. de L. da Ilha do Ferro, na q. demonstra tambem além das declaraçoens feitas no Ranvoâ, que a dita Vila [tem] actualmente 554

moradas de cazas, abitadas por 3000 pessoas entrando o n.o da sua Goarnição, e q.l é 4 Comp.as do 1º Regim.to de Cavalaria Auxiliar, hua de Dragoens pagos, outra de Pedrestes pagos, 4 de Infantaria Auxiliar, hua de Henriques, e 3 de Ordenanças.

As representações de poder do governo real no local são expressas pelos desenhos no canto inferior direito, em que há duas fachadas do Palácio do Governo. Também ao lado direito há o desenho dos uniformes da guarnição militar da vila.

O mapa, desenhado em nanquim no centro da folha, possui, no canto superior direito, uma legenda em que estão marcados pontos importantes na cidade. Ao analisar os edifícios indicados nesse mapa, observa-se que os mesmos remetem ao poderio da época, como as igrejas católicas, os edifícios governamentais, além das praças, pontes e fontes que serviam à vida pública do vilaboense.

O mapa mostra uma tentativa do governador em fazer com que a cidade crescesse de uma forma ordenada. Por isso, apesar de respeitar o traçado já existente, que remete ao período minerador de ocupação próxima ao rio, traça-se um plano que busca uma retificação pautada num controle racional, mesmo que respeitando a topografia acidentada do terreno. Isso ocorreu para que o crescimento não se efetuasse de forma desornada e improvisada.

Ao comparar a atual estrutura urbana de Goiás com o Plano de 1782, Oliveira (2014, p. 68) conclui que “as diretrizes do plano de Cunha Meneses foram seguidas em grande parte, já que pode-se verificar a atual ocupação das áreas então propostas para a expansão”.

Já o mapa turístico (Figura 2) desenvolvido em 2010 pelo poder público municipal e propagado em panfletos virtuais e impressos, ao contrário do anterior, não tem objetivo cadastral ou de planejamento, mas de divulgação da cidade e de seu potencial turístico. Patrimônio Mundial da UNESCO desde 2001, o referido município recebe turistas interessados em seu patrimônio histórico e nos seus eventos tradicionais, como as festividades religiosas e os festivais de cinema.

Esse mapa, realizado digitalmente, possui, no canto esquerdo, o título *Mapa da Cidade de Goiás*, com o mapa recortado ao centro e imagens de edifícios da cidade, tendo, ao fundo, um céu azul e, logo acima, uma silhueta que remete aos morros que margeiam a cidade. Pode-se observar que fazem as seguintes marcações: indicações de lugares com nomes e fotos, indicações de lugares com nomes (com quadrados fazendo a marcação), outros lugares indicados apenas pelo nome (sem nenhuma marcação, como fotos e quadrado), setas de saídas/entradas da cidade, cursos de água e nomes de ruas, avenidas, becos e travessas.

também que há poucas instituições privadas, porém fica-se a dúvida: por que estão presentes algumas e outras não? Por exemplo, qual seria o critério de ter apenas um hotel no mapa (que se localiza fora do centro histórico)? É notório que muitos desses lugares não estão mais em funcionamento, reforçando a ideia de que mapas são marcos temporais que dizem respeito a determinados tempo e espaço.

Sobre as ruas, as avenidas, os becos e as travessas, apesar de representados, não são marcados com nome. Assim, está ausente a especificação de alguns becos, como o Santa Luzia e o Beco do Mingu, e toda a região conhecida como Rua do Capim (arredores da Praça Conceição), importante por ser reduto da cultura do povo negro na cidade. Há, por outro lado, a indicação por nome de setas de entrada/saída da cidade e cursos de água, que mostram lugares públicos e valorizam o chamado turismo ecológico (indicando cachoeiras, rios e clubes).

Esse mapa, servindo como propaganda turística, privilegia o centro histórico da cidade de Goiás, ao marcar apenas os pontos que julgam-se importantes para o turismo, não destacando alguns locais que existem nessa região e ignorando o restante do município, como o Oeste (Setor Aeroporto), o Sudoeste (Setor João Francisco - apenas indicado por uma seta) e toda a parte Sul, como o Setor Tempo Novo, o Lago das Acácias e o Setor Bacalhau, que também possui um núcleo colonial preservado.

Nos dois mapas observa-se o quanto a igreja católica tem uma influência na vida pública da cidade, refletindo uma ideologia na representação do espaço urbano, apagando as diversas outras manifestações religiosas ali presentes. Isso reforça a ideia de Freire e Fernandes (2010, p. 100), que dizem ser uma das características da cartografia representar “os interesses de grupos e coalizões de poder sobre um determinado território”.

Qual o seu lugar em Goyaz?

A primeira ação desenvolvida pelo Coletivo de Ações Poéticas Urbanas - CAPU foi a realização de um mapa coletivo intitulado *Qual o seu lugar em Goyaz?*. Essa prática foi realizada durante o Festival Independente de Cinema de Goyaz, em setembro de 2019, na fachada do antigo Centro e Apoio ao Turista (CAT) de Goiás, onde estava acontecendo a exposição *Arte (em) comuns*, cuja expografia também foi realizada pelo coletivo.

Ao fazer os estudos para a expografia, o coletivo percebeu que um grande mapa turístico na fachada do CAT havia sido retirado, o que fez com que os integrantes se

perguntassem: qual a importância daquele mapa (que não existia mais) para a cidade? Assim, surgiu a prerrogativa: por que não fazer um mapa naquele mesmo lugar, mas construído de forma coletiva?

Rolnik (2011, p. 12) diz que a construção coletiva é uma forma de incentivar os processos de micropolítica, fazendo com que “o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens preestabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência”. O CAPU, ao invés de trazer algo pronto e finalizado, preferiu construir uma imagem a partir das experiências do outro, levando questões que envolvessem “os processos de subjetivação em relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva” (ROLNIK, 2011, p. 11).

Esse mapa, apesar de ser uma proposição de um coletivo específico, foi construído por um grupo de pessoas que passavam pelo espaço público onde ele localizava-se e era convidado a construir junto à obra em questão. O objetivo não era promover a experiência da audiência com uma imagem já criada anteriormente, que, como escreveu John Fiske (1994, apud Rose, 2001), é o processo pelo qual uma imagem visual tem seus significados renegociados ou mesmo rejeitados por audiências específicas.

Foi gerenciado que o resultado final (a imagem produzida) fosse menos importante que sua produção, borrando as barreiras dos paradigmas modernos de artista, espectador e obra. Ao interpretar as imagens a partir da produção das mesmas, Rose (2001) revela que as circunstâncias envolvidas contribuem para o efeito que elas gerarão, seja pela tecnologia empregada, pelo gênero das imagens (como elas serão compartilhadas) ou pelas relações sociais em que está inserida.

O CAPU instalou, num espaço de grande movimento na cidade, o desenho de um mapa da cidade de Goiás, em que foram traçadas apenas as ruas em branco e os cursos d'água em azul. A partir desse dispositivo, as pessoas que passavam por ali eram convidadas a interagir com o mapa, contando com adesivos, recortes de revistas, *post its*, canetas, tinta, carimbos.



Figura 3. Qual o seu lugar em Goyaz?, 2019. Fonte: arquivo do autor.

Quando o público é convidado a marcar o seu lugar em Goiás, ele se vê forçado a interpretar o mapa e caminhar pelo desenho para identificar cada lugar da cidade, e isso só é possível através da identificação de espaços conhecidos e da tradução do que é representação gráfica para a experiência pessoal. Rancièr (2012, p. 15) diz que “esse trabalho poético de tradução está no cerne de toda aprendizagem”. As narrativas produzidas nesse mapa coletivo são geradas a partir do momento em que os participantes elaboram “sua própria tradução para apropriar-se da ‘história’ e fazer dela sua própria história” (RANCIÈRE, 2012, p. 25). Essa aprendizagem, realizada de maneira informal, é importante muitas vezes para que essas pessoas possam ter a possibilidade de questionar o seu lugar naquele espaço e de “contratraduzir as traduções que eles lhe apresentam de suas próprias aventuras” (RANCIÈRE, 2012, p. 15).

De acordo com Suely Rolnik (2016), a cartografia indica movimento e trânsito, enquanto o mapa indica um desenho cartográfico fixo. A autora diz que a cartografia se faz no processo de desamanchamento de certos mundos e da formação de outros “mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (ROLNIK, 2011, p. 23). Ao perguntar aos passantes “qual o seu lugar em Goyaz?”, o CAPU teve como propósito entender quais cartografias eram construídas pelas pessoas em seu dia a dia, partindo de suas vivências pessoais e não de uma imposição institucional.



Figura 4. Qual o seu lugar em Goyaz?, 2019. Fonte: arquivo do autor.

Questionar a produção de mapas geográficos que marcariam lugares que fazem parte de uma memória já demarcada como patrimônio da humanidade e buscar os lugares íntimos que compõem a cidade foram formas de o CAPU propor o que Certeau (1994, p. 172) chama de “leitura ao rés-do-chão”, onde busca-se “detectar práticas estranhas ao espaço ‘geométrico’ ou ‘geográfico’ das construções visuais, panópticas ou teóricas”.

O público muitas vezes ficou em dúvida de como seriam realizadas as identificações dos lugares que ocupavam em Goiás, visto que nem sempre são possíveis de serem feitas através das técnicas tradicionais da produção de mapas. Os espaços da experiência – reconhecidos nesse mapa, em escritos como “bora tomar banho pelado”, “minha melhor escolha” ou “buxim cheio” - são formas encontradas de identificar lugares que tinham a ver com a vivência naqueles espaços.

De acordo com John Dewey (2010), a experiência é fundamental para a produção de conhecimento, sendo um elo entre teoria e prática nos processos educacionais. Nesse mapa, ela atua em dois campos: a experiência que a pessoa realizou e deseja identificar no mapa (trazendo de volta esse estado em forma de memória) e a experiência de agir sobre o mapa.

As pessoas criam um mapa a partir de suas experiências pessoais, recusando a permissão legal, a estética e a dominação da autoridade. Mirzoeff (2016a) encara esse

tipo de ação como uma forma autônoma de fazer resistência, como um direito a ser visto, associado ao direito a olhar. O destaque do desenho não é mais um museu ou uma igreja, instituições de poder, mas a casa dos gatos, a escola onde cursaram o Ensino Fundamental ou as pedras por onde caminharam.

Uma pessoa escreve “não conheço” no espaço destinado à periferia da cidade e outra responde “mais devia”, desafiando o outro a conhecer algo que às vezes é desprezado pelo poder público. Mirzoeff (2016b, p. 23) traz a questão: “Como vemos o lugar do mundo que vivemos?”. Seria essa ação poética urbana uma facilitadora para que as pessoas comesçassem a enxergar e a visibilizar o mundo que elas vivem em Goiás?

As marcações realizadas levantam hipóteses de fricção entre a imagem da cidade turística, patrimônio cultural da humanidade, e a cidade experienciada por quem ali vive. Como a imagem marqueteira construída de cidade patrimônio da humanidade de fato faz parte da memória de cada pessoa que ali habita?

Considerações finais

Ao descrever a cidade de Zaíra, no livro *Cidades Invisíveis*, Ítalo Calvino (2017) discorre:

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 2017, p. 15).

O autor defende que a memória da cidade está presente no que existe no acontecimento do dia a dia, e não apenas no que é contado do que um dia ela foi. A preservação da memória é sempre uma questão em qualquer ação poética a ser realizada em uma cidade como Goiás, que carrega o peso de patrimônio da humanidade. Porém, ao propor que as pessoas pudessem construir um mapa a partir de suas vivências, permitindo a elas marcar, interpretar, reconhecer, desenhar, cortar, lembrar, dialogar, mostrar, possibilita-se que essa memória não esteja presente apenas nos monumentos eleitos pelo poder público, mas que perpassasse também pelas vivências pessoais.

A partir desses estudos, pode-se observar que a construção de um mapa é uma narrativa ideológica, em que as histórias são contadas ou apagadas de acordo com o interesse da realização dos mesmos. É notório, dessa forma, que as “práticas culturais

como representações visuais dependem e produzem inclusões e exclusões sociais” (ROSE, 2001, p. 15).

Nota

¹ Disponível em: <http://www.servicemap.com.br/historia-da-cartografia.php>. Acesso em 23 jun. 2020.

Referências

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COELHO, Gustavo Neiva. **O espaço urbano em Vila Boa**: entre o erudito e o vernacular. Goiânia: Editora da UNG, 2001.

DELSON, Roberta M. **Novas vilas para o Brasil Colônia**: planejamento espacial e social no Século XVIII. Brasília: Alva/Ciord, 1997.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Neison Cabral Ferreira; FERNANDES, Ana Cristina de Almeida. Mapas como expressão de poder e legitimação sobre o território: uma breve evolução histórica da cartografia como objeto de interesse de distintos grupos sociais. In: **Portal da Cartografia**, Londrina v. 3 n. 1, p. 83-103. 2010. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia/article/view/7536>. Acesso em: 23 jun. 2020.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. In: **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745-768, 2016a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 23 jun. 2020.

MIRZOEFF, Nicholas. Introducción. In: MIRZOEFF, Nicholas. **Cómo ver el mundo**: Una nueva introducción a la cultura visual. Barcelona: Paidós, 2016b. p. 11-34.

OLIVEIRA, Karine Camila. **Parâmetros urbanísticos e a preservação do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade de Goiás**. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. A força do passado. Nem tudo que é sólido desmancha no ar. In: FELDMAN, Sarah; FERNANDES, Ana (Org.), **O urbano e o regional no Brasil contemporâneo**:

mutações, tensões e conflitos, Salvador, EDUFBA, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora UFGRS, 2011.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies**. Londres: Sage Publications, 2001.

Emilliano Alves de Freitas Nogueira

Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFU), especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação (SENAC/MG), mestre em Artes (Sub-área: Artes Cênicas) (PPGA-UFU), doutorando em Arte e Cultural Visual (FAV-UFU). É professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Goiás – Regional Goiás. Desenvolve trabalhos na área de artes visuais, cenografia e performance. Contato: emillianofreitas@gmail.com.